

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS SOBRE O OLHAR DA UMBANDA PARA A EDUCAÇÃO

Carmen Lúcia Alves Freire

ICHCA/UFAL

carmen.freire@ichca.ufal.br

Danilo Pereira dos Santos

ICHCA/UFAL

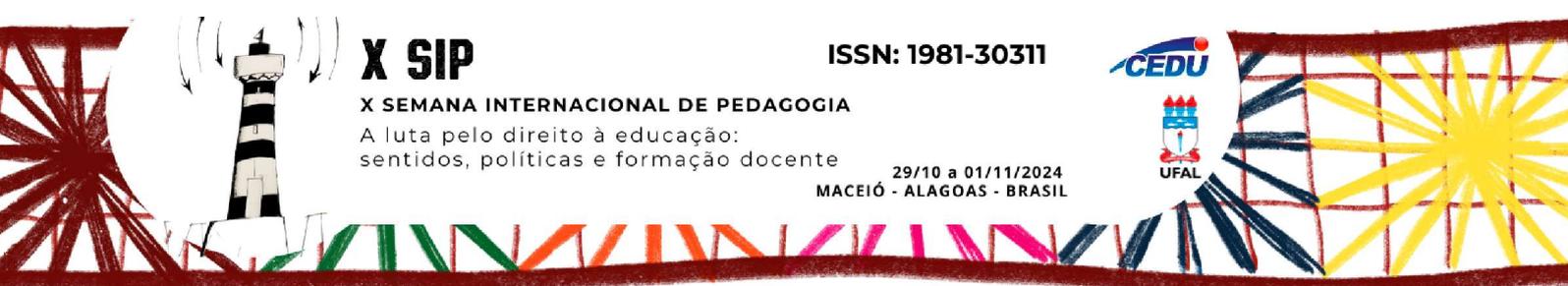
dansantos005@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Iniciamos esse resumo saudando Exu, o dono da mensagem, afinal as culturas afro-brasileiras têm a tradição oral enquanto principal forma de comunicação para construção de memória e identidade, dinamizando os códigos culturais, históricos, sociais e políticos construídos nas comunidades. Quanto a este resumo na forma expandida, falaremos da contação de histórias sobre o olhar da Umbanda, e o que ela vem acrescentar e influenciar para a educação como uma ponte na linha do raciocínio de forma livre acerca dos orixás por meio da linguagem oral, apresentando os apontamentos de “como a mitologia iorubá e a comunicação oral compõe as criações coreográficas do afoxé e apontam para o entendimento da dança nas religiões de matrizes africanas (Beny; Alves, 2015, p.2)”. Assim como, toda a sua valorização no campo da contação de histórias sobre a crença umbandista.

“A história, em seu senso geral, é tudo o que aconteceu, não somente os fenômenos da vida humana como também os acontecimentos ocorridos no mundo natural. Inclui tudo o que passa por mudanças; e como as ciências modernas já mostraram que nada no universo é absolutamente estático, conclui-se que todo o universo, e todos os seus componentes, possui sua própria história” (ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA et al., 1911, apud SANTOS; CAMPOS, 2016, p.87).

O contador de histórias atua muito próximo da essência, e essência vem a ser tudo aquilo que não se aprende, aquilo que é por si só. É como uma magia do fazer aparecer o que se parece inexistente. Contar histórias é uma arte, uma arte rara, pois sua matéria-prima é o imaterial, e o contador de histórias por ser um artista que tece



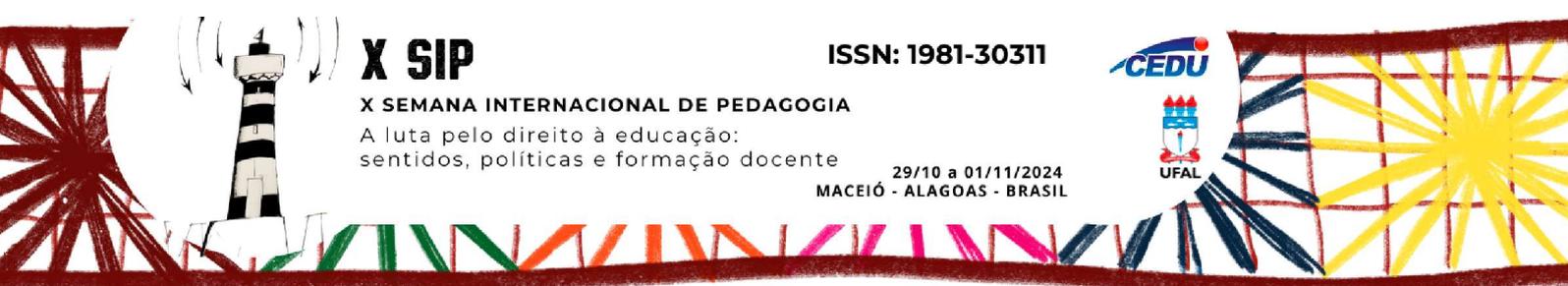
os fios invisíveis desta teia de passar o desconhecido a ser conhecido pelo seu contar que pode ser construído do vento, do sopro, do ar e deles se desenha em forma para se aprofundar na terra. Um texto que visa reverberar as imagens delineadas na oralidade da aurora e passa a nos atingir velozmente com palavras que estão sendo ditas na forma do contar histórias na força da fé, através da poesia e da música (pontos cantados), com encantamento e resistência (Beny, 2022, p.15).

Para a educação na atualidade, pode-se dizer que, o educando ganha conhecimento pela valorização da arte da narração oral através do conto, que é uma experiência estética que promove esta relação íntima entre contador e o ouvinte, valorizando a palavra humana e trazendo o calor de uma presença, que não se encontra nos outros meios de comunicação. Uma boa história ilumina o coração, promove mudanças, cura feridas, instiga os sonhos, desvela mistérios, revela e derruba valores, recria memória afetiva. Entrando pelo prisma da racionalidade em relação a existência da estética cultural surgindo daí as propostas de reafirmação da individualidade e da localidade que utilizam a memória como arma de “resistência” (Bedran, 2017).

Os elementos constitutivos da mitologia relativa à religião de inspiração iorubá (Almeida, 2006) exprimem um drama mítico que expressa fatos fundamentais da vida humana. Os orixás enseja o nascimento e a morte, o amor e o ódio, a guerra e a paz, bem como suas variantes intermediárias e fronteiriças. Substrato para as representações coletivas, que estabelece relações socioculturais que envolve o dia a dia do ser em sua formação ao conhecer OBALUAÊ. Esse orixá, contém elementos e valores ancestrais que vêm caminhando ao lado da existência humana em suas mais diversas culturas. “Pois ele alegra-se e sofre, vence e perde, conquista e é conquistado, ama e odeia” (Prandi, 2001). Esse é Obaluaê, orixá do mistério, que envolve a busca por desvendá-lo.

2 OBJETIVOS

O presente resumo expandido tem por objetivo trazer o contorno, a forma, e reatualizar a memória, e nos conectar com o orixá Obaluaê, na forma de resistência cultural através das histórias que são contadas nas casas de terreiros de Umbanda, como algo que se perdeu nas brumas do tempo, que nos ligue ao indizível e traga



respostas às nossas inquietações, trazendo significações para educação ao propor um diálogo entre as diferentes dimensões do ser, expressa e corporifica o simbólico, tornando-se a mais pura expressão do ser (Busatto, 2012, p.9).

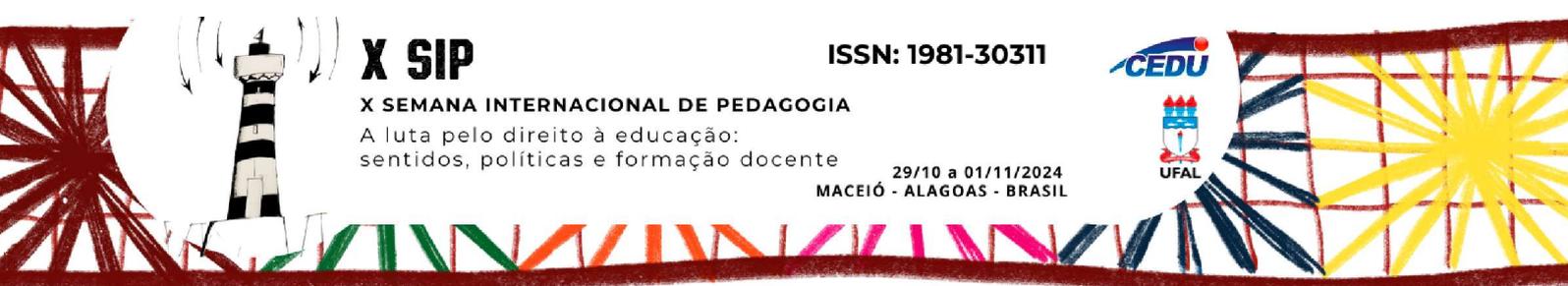
3 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste resumo expandido realizamos um levantamento bibliográfico de diversos textos que abordam temas relacionados com a “Contação de Histórias Contribuição a Neuroeducação”, “Contar e Encantar Pequenos Segredos da Narrativa”, “OJU OMIM OMOREWÁ O afoxé dança para lansã”, além de sites acadêmicos, como: periódico CAPES e Google Acadêmico. Definida por Fonseca (2002) como um levantamento de referências teóricas já publicadas. A metodológica adotada foi a exploratória, apresentada por Gil (2002) como aquela que busca “proporcionar maior familiaridade com o problema”, a fim de torna-lo mais explícito, além de esclarecer e modificar conceitos e ideias. Se fez qualitativa, porque “está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo” (BRANDÃO, et al., 2001, p.13 apud SILVA; MENDONÇA 2023, p.395).

De forma que possam se conhecer e assim, aceitar com mais clareza respeitando as diferenças entre as crenças religiosas por suas histórias.

4 RESULTADO E DISCUSSÃO

No Brasil, a Constituição de 1988, estabelece um estado laico, como mostra o artigo 5º, incisos VI, VII e VIII “que garante a liberdade de consciência e de crença, e a proteção ao livre exercício dos cultos religiosos”. É a partir dessa égide da legislação brasileira, que a contação de história sobre o olhar da umbanda vem procurando se amparar para poder apresentar a sua diáspora “é uma categoria identitária que tem sido bastante acionada quando se remete às ancestralidades dos povos indígenas e africanas” (Conrado; Neves, 2022, p. 28). Através dos contos afro-religioso, o que possibilita atravessar os muros, e abrir portas no ato de contar as histórias de Orixás e Caboclos sagrados, e toda a sua essência espiritual, numa forma de romper ou de quebrar as muitas barreiras sociais, que foram surgindo por



falta do conhecer, e do saber respeitar para aceitar e entender que as crenças são livre, assim como seus cultos.

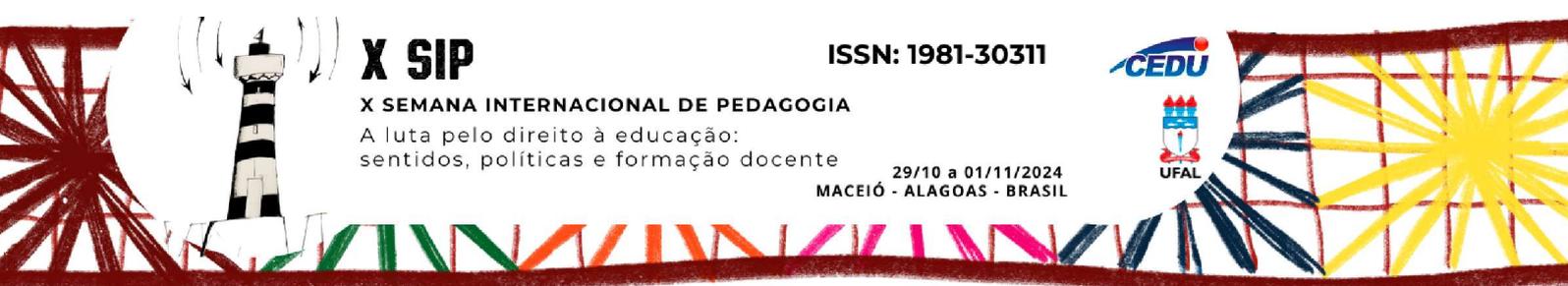
Aprendizados são passados através destas crenças, que contam histórias da origem dos orixás, entidades, costumes, relações com a natureza, entre outras marcas culturais que constituem essas matrizes.

Mas que africanidade é essa, quando sabemos que os criadores dessa religiosidade que veem os Orixás e Caboclos como uma forma de sua própria existência, são justamente os descendentes de africanos escravizados que foram transplantados no Novo Mundo? Transplantação essa que operou um corte e, conseqüentemente, uma ruptura com a estrutura social original. A partir dessa ruptura, que, hipoteticamente, teria provocado uma despersonalização, ou seja, uma perda de identidade, ficam colocados o problema e as condições de continuidade dos elementos de africanidade nessa arte de contar histórias. Por um lado, a questão das novas formas recriadas no novo mundo e de como essas novas formas poderiam ainda ser impregnadas de africanidade dessecuriosidade de conhecer a história de Obaluaê, que tem vários nomes, e que pode variar de casa para casa religiosa, e com isso, quebrar as barreiras sociais da resistência cultural que se apresentam para com as casas afro-brasileira como os terreiros de Umbanda.

O culto a Obaluaê está presente em várias regiões da África, cada qual com suas especificidades próprias. Ao tentarmos buscar o início do culto de Obaluaê deparamo-nos sempre com o culto à terra e aos ancestrais. Seja através de mitos ou através da história, essa divindade está sempre vinculada a esses dois elementos: a terra e os ancestrais.

As cores de Obaluaê são o ocre das palhas (costa) o preto ou marrom e branco, a sua saudação é "Atotô" (silêncio). Preocupado com a apresentação de um padrão estético homogêneo do corpo mitológico, Prandi propõe seguir o modelo dos poemas dos babalaôs africanos: busca combinar o uso de versos livres com o uso de uma linguagem sintética, sem, porém, alterar o conteúdo original das fontes (Prandi, 2001).

"Senhor da terra, das chagas do amor, na pele as palhas que amenizam a dor; Abraço-te pra pedir, sua benção sua luz, e nesse caminho são, Omolu me conduz;
Caviongô santas almas do mar, pai Omolu que chegou pra dançar; Atotô Obaluaê;



Caviongô santas almas do axé, pai Omolu que chegou pra benzer; Atotô Obaluaiê; (Serena Assumpção, 2016).

É dever do contador adentrar nesse universo de contar a ancestralidade e saber que, para cada orixá existe um toque de atabaque, assim como, os pontos cantados são diferentes, pois retratam os arquétipos, em formas, gostos, força elementar, (Bastide, 1967, p. 113).

Obaluaê ou Omolu sua existência vem dos tempos anteriores à idade do ferro. Fala-se genericamente na Bahia e no Brasil os dois nomes. Conforme epígrafe retirada de Pierre Verger (1985, p. 61) as duas designações são títulos de Xapanã.

A antiguidade dos cultos de Obaluaê e Nanã Buruku, frequentemente confundidos em certas partes da África, é indicada por um detalhe do ritual dos sacrifícios de animais que lhes são feitos. Esse ritual é realizado sem o emprego de instrumentos de ferro, indicando que essas duas divindades faziam parte de uma civilização anterior à Idade do Ferro e à chegada de Ogum (que veio com Odùdù) (Verger, 1997, p. 212).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi partindo da premissa de estado laico, que pudemos perceber que a continuidade e a recriação de todos os elementos pontuais, proporcionam uma discussão profícua e aberta às novas perspectivas e reflexões para assim poder quebrar essas barreiras por falta de conhecimento da crença aos Orixás e Caboclos.

Aprendizados são passados através destas crenças, que contam histórias da origem dos orixás, entidades, costumes, relações com a natureza, entre outras marcas culturais que constituem essas matrizes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Inez Couto de. **As Religiões Africanas no Brasil**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora. Cultura Iorubá: costumes e tradições. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.

ASSUMPÇÃO, Serese. Obaluaiê. **Ascensão**. The Orchard Enterprises, 2016. Faixa 1, 5 min 24 s.

BASTIDE, Roger. **Les Amériques Noires**. Paris: Payot, 1967 p.113.



BEDRAN; Bia. **A Arte de Cantar e Contar Histórias**. Disponível em: <https://biabedran.com.br/wp-content/uploads/2018/08/projetoEncontroLiterarioMusical2017.pdf>. Acesso em: 21 set. 2024.

BENY, Daniela. **Oju Omim Omorewá: o afoxé dança para lansã**. 2ª ed. Maceió: Editora Viva, 2022. p. 15.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: Pequenos segredos da narrativa**. 8ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CONRADO, Mônica Prates; NEVES BARROS, Thiane de Nazaré Monteiro. **A categoria “afro-indígena” na Amazônia paraense: usos, confluências e ambivalências em debate acadêmico**. Horizontes Antropológicos, v. 28, n. 63, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/ZTRy3hc7LkVMG69XvgfxnbR/?lang=pt#>. Acesso em: 21 set. 2024.
ed. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2002.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia Pesquisa Científica**. Fortaleza: UECE, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

MORAES, Daniela Beny Polito; ALVES, Teodora de Araújo. **Os códigos de Oyá – elementos simbólicos da Dança de lansã no Afoxé Oju Omim Omorewá**. Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 1, n. 24, p. 059–071, 2015. DOI: 10.5965/1414573101242015059. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101242015059>. Acesso em: 21 set. 2024.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

SANTOS, Fábio Cardoso dos; CAMPOS, Ana Maria Antunes de. **A Contação de histórias: contribuição à neuroeducação**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2016.

SILVA, Gabriel Cavalcante; MENDONÇA, Ana Maria Santos de. **Simpósio Nacional da Formação de Professores de Matemática**. Rio de Janeiro, RJ, 2023, p. 395. Disponível em: <https://anpmat.org.br/wp-content/uploads/2023/11/Anais-do-6o-Simposio-Nacional-da-Formacao-de-Professores-de-Matematica.pdf>. Acesso em: 21 set. 2024.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Lendas Africanas dos Orixás**. Salvador: Corrupio, 1985.

VERGER, Pierre. **Orixás: Deuses Iorubas na África e no Novo Mundo**. 5ª ed. Salvador: Corrupio, 1997.